

ECUMENISMO COM OS MUÇULMANOS

Arcebispo de Esmirna (Turquia) faz advertência sobre os perigos do ecumenismo com os muçulmanos. O impressionante depoimento de Dom Giuseppe Germano Bernardini, O.F.M., no Sínodo dos Bispos. Citamos o jornal oficial da Santa Sé L'Osservatore Romano 30/10/1999, páginas 15-16.

"Há 42 anos que vivo na Turquia, onde 99% da população total são muçulmanos, e há 16 anos sou arcebispo de Esmirna, na Ásia Menor. Portanto, o argumento da minha intervenção é evidente: o problema do Islã na Europa, hoje e no próximo futuro (...).

A minha intervenção tem em vista dirigir ao Santo Padre uma humilde súplica. Para ser conciso e claro, referirei três casos dos quais, considerando-se a sua natureza, confirmo a veracidade:

1. Durante um encontro oficial sobre o diálogo islâmico-cristão, uma autorizada personagem muçulmana, ao dirigir-se aos participantes cristãos, num determinado momento afirmou com calma e segurança: "Graças às vossas leis democráticas, invadir-vos-emos; graças às nossas prescrições religiosas, dominar-vos-emos".

Há que acreditar nisto, dado que o "domínio" já começou com os petrodólares, utilizados não para criar lugares de trabalho nos países pobres do Norte da África e do Médio Oriente, mas para construir mesquitas e centros culturais nos países cristãos de imigração islâmica, inclusive em Roma, centro da Cristandade. Como deixar de ver em tudo isto um preclaro programa de expansão e de reconquista?

2. Por ocasião de outro encontro da mesma natureza, organizado, como sempre por cristãos, um participante cristão pediu publicamente aos muçulmanos presentes que organizassem pelo menos uma vez, também eles, uma assembléia análoga. O infalível e autorizado muçulmano ali presente respondeu textualmente: "Por que motivo deveríamos fazê-lo? Nada tendes a ensinar-nos e nós nada temos a aprender!"

Um diálogo entre surdos? O fato é que vocábulos como "diálogo", "justiça" e "reciprocidade" têm para os muçulmanos um significado completamente diferente do nosso.

Mas julgo que todos já conheçam e admitam este fato.

3. Num mosteiro católico de Jerusalém havia – e talvez ainda haja – um empregado doméstico árabe-muçulmano. Homem amável e honesto, era muito estimado pelos religiosos, que também ele apreciava. Certo dia, com ar de tristeza, ele disse-lhes: "Os nossos chefes reuniram-se e decidiram que todos os "infiéis" devem ser assassinados, mas não tendes medo, porque serei eu a matar-vos, sem vos fazer sofrer".

Todos nós sabemos que é preciso distinguir a minoria fanática e violenta da maioria tranqüila e honesta, mas esta, quando receber uma ordem de Alá ou do Alcorão, marchará cada vez mais compacta e sem hesitações. De resto, a história ensina-nos que as minorias decididas conseguem impor-se sempre sobre as maiorias renunciadoras e silenciosas.

Seria ingênuo subestimar ou, pior ainda, sorrir diante dos três exemplos que mencionei; parece-me que se deveria refletir seriamente sobre seu dramático ensino. (...)

Concluo com uma exortação, que a experiência me sugere: jamais se conceda aos muçulmanos uma igreja católica para o seu culto, porque para eles esta é a prova mais evidente da nossa apostasia."